



### Correspondência entre Kracauer e Adorno (1951)

#### KRACAUER PARA ADORNO: CARTA NÚMERO 150<sup>1</sup>

Nova York, 4.7.1951  
56 West 75th Street  
New York 23, NY  
04 de julho de 1951

Caro Teddie

Eu tenho a terrível consciência de que passei semanas sem lhe agradecer *Minima moralia*. Minha única desculpa é que tive de fazer (graças a Leo) um grande relatório para o *Voice of America*<sup>2</sup>, com um *deadline ahead of me*. Eu ainda não acabei, mas se eu quisesse esperar até o fim do trabalho tudo estaria arruinado e distante demais. Não há de ser muita coisa e não posso apostar em nada, mas é o melhor que posso fazer agora. Você deveria vir para Nova Yorke então eu gostaria de lhe falar muito detalhadamente sobre todo o livro.

Antes quero lhe dizer que achei o seu ensaio sobre Benjamin primoroso. A maneira como você analisa a dialética de Benjamin — uma dialética que não vai adiante ou que não se fecha e sempre é impulsionada pelo material dos restos — nos põe a par de modo muito profundo desse mecanismo de pensamento singular e igualmente curioso. Eu gostaria de pegar o caderno da *Neue Rundschau* emprestado; eu queria tê-lo comigo. Você pode me encaminhar um exemplar?

Seu livro me deixou realmente admirado com a extraordinária força do pensamento, que o domina com uma intensidade incomparável e inflexível. Sério, Teddie, ao longo da leitura fiquei fascinado com a sua habilidade de penetrar intelectualmente o material da existência, e o que mais me impressionou e com frequência me convenceu foi isto: quando uma interpretação me soa parcial ou por qualquer outro motivo parece insatisfatória, logo depois segue uma passagem que revida ou completa a sua primeira frase, como se por fim o fenômeno tivesse sido incluído no processo dialético. Algumas das minhas objeções que surgiram durante a leitura foram corrigidas por você mesmo na implementação do pensamento. Em alguns momentos precisei fazer um esforço descomunal — como se você estivesse olhando por sobre meus

[\*] As notas que se seguem pertencem à edição original: Adorno, Theodor W. e Kracauer, Siegfried. Briefwechsel — “Der Riss der Welt geht auch durch mich” — 1923-1966”. In: Adorno. *Briefe und Briefwechsel* — Herausgegeben vom Theodor W. Adorno Archiv — Band 7. Frankfurt/M: Suhrkamp, 2008. [N. do E.]

[1] Documento original: datilografado/ Theodor W. Adorno Archiv, Frankfurt am Main. E (até a última passagem): Adorno / Suhrkamp / Unseld, Briefwechsel, pp. 31- 34.

[2] *Voice of America* fazia transmissões para a Bulgária, a Grécia, a Espanha e a Áustria (10.12.1950- 27.01.1951). *A Report* (espólio de Kracauer, Deutsches Literaturarchiv Marbach).

ombros ou nem mesmo tivesse me visto, como se risse com desdém dos meus escrúpulos e me fizesse esperar pelo próximo elo do pensamento, aquilo que eu queria lhe dizer já foi antecipado e na maioria das vezes até superado. Nesses casos aceitei de bom grado a derrota e fiquei muito contente com a sua grande inteligência. Na realidade eu não sabia de quase nenhuma obra na literatura que se equiparasse à sua em termos de cautela e energia para incinerar os fatos menores e maiores — ou como você sempre descreve o processo da interpretação à luz da utopia. Se eu tivesse tempo — mas estou tão esgotado com o trabalho do relatório, que também me fez interromper por completo meu livro — então trataria individualmente sobre isso com você. Existem tantas compreensões acertadas no livro, compreensões muito concretas, que desempenham um efeito de choque benéfico, que eu gostaria muito de ter destacado cada uma para lhe informar meu encantamento por elas. (Acabo de pensar nas observações excelentes sobre o movimento da ciência aqui e agora<sup>3</sup>.) Mas se eu começar com isso, não poderei mais parar. E realmente não posso me permitir isso.

O que tenho a dizer como crítica, quero guardar para uma discussão oral — espero que em breve. Quase tudo se refere a coisas dadas e irrevogáveis no seu desenvolvimento; excetuando, talvez, que permaneceu um certo número de opiniões, você não teve sucesso, creio, em tirar delas a impressão de que são apenas “opiniões”. (Eu anotei alguns exemplos). Se eu tivesse visto o manuscrito antes, teria lhe aconselhado a afastar essas coisas remanescentes. (Por outro lado entendo muito bem o prazer da opinião). Para lhe dar sugestões apenas sobre as coisas “irrevogáveis”: eu gostaria de polemizar contra o uso que você faz da “utopia”, isto é, dos critérios de julgamento ocultos que surgem fugazes e muito raramente do “mero existir”. Me parece legítimo que os conhecimentos de fato utópicos permaneçam ocultos a grosso modo; mas não tanto, contudo, o seu conteúdo e a forma como eles são mobilizados contra o estabelecido. Um segundo ponto é a própria dialética: pode lhe parecer quase uma contradição, mas se de um lado estou tão tomado por sua força dialética, de outro estou bastante convencido de que ela não foi longe o suficiente no estudo da atualidade: me parece que a cultura de massa permaneceu intocada, para tomar apenas um exemplo. Talvez isso ocorra porque certos conceitos-chave referentes à atualidade, vindos de um período anterior do seu pensamento, tenham sido tomados sem questionamento. E a justificativa do seu estilo não me convenceu, de tal modo insistente. Mas claro que tenho a consciência de que toda obra importante, quando empreende a sua caminhada, está sujeita a tais objeções, que concernem ao essencial. Ataque e defesa fazem parte da essência em si.

Leo me contou sobre a festa da cumeieira<sup>4</sup> de vocês e as outras coisas que escutei me deixaram com a impressão de que você e Horkheimer

[3] “Gedankenfreiheit” [liberdade de pensamento] (ver Adorno GS a, pp. 76ss).

[4] No final de 1951, o prédio do Instituto de Pesquisa Social foi transferido para o terreno de Senckenberg.

[5] Aiminente operação de pedra nos rins acabou por não ser realizada (ver carta seguinte).

[6] Friedrich Pollock e Carlotta Weil.

[7] Documento original: datilografado com cabeçalho impresso, complementos e correções à mão; espólio de Siegfried Kracauer, Deutsches Literaturarchiv, Marbach am Neckar.

[8] A repercussão da imprensa confirma isso; a editora enviou cerca de 110 exemplares para resenha de *Minima moralia* em março e abril de 1951, existem noventa registros de resenhas favoráveis.

[9] "Ein Titel und ein Orden hält im Gedränge machen Puff ab", ver Goethe, Johann Wolfgang von, *Briefe, Tagebücher und Gespräche von 1928 bis zu Goethes Tod*. Parte 1, org. Horst Fleig. Frankfurt/M: Deutscher Klassiker Verlag, 1993, p. 479.

puderam extrair uma satisfação profunda da atuação de vocês. Espero que a operação de Horkheimer<sup>5</sup> tenha dado certo; nossos melhores desejos e lembranças sinceras para ele. E diga a Gretel que Lili e eu desejamos todo carinho. Envie nossas saudações à senhora Horkheimer e ao casal Pollock<sup>6</sup>. Estou muito feliz, caro Teddie, que pelo menos consegui acabar isso, para ao menos lhe dizer esse par de coisas sobre o seu trabalho.

Bons pensamentos e desejos, da parte de Lili e minha,  
Seu  
Friedel

#### **ADORNO PARA KRACAUER: CARTA NÚMERO 151<sup>7</sup>**

Frankfurt am Main, 19.7.1951  
Institut für Sozialforschung  
Johan Wolfgang Goethe-Universität  
Frankfurt a. m. 19 de julho de 1952  
Seckenberg-anlage 34

Senhor  
Dr. Siegfried Kracauer  
56 West 75th Street  
New York 23, N.Y.

Caro Friedel,

Agradeço sinceramente pela sua carta. Para mim é uma grande alegria saber que meu livro tenha sido significativo para você. A quem mais este tipo de produto exposto deveria atingir afinal, além de você, que possui não apenas os prerequisites objetivos e empíricos para isso, como também, gostaria de dizer os históricos. A propósito, para a minha sincera surpresa, o livro é um sucesso extraordinário<sup>8</sup>, não apenas "literário" como também em termos de venda. De onde vem isto, é difícil dizer; eu não sou vaidoso nem modesto o suficiente para atribuí-lo à coisa em si, provavelmente se deve a uma sucessão de momentos favoráveis, entre eles os fatos de que o terreno foi bem preparado, que as pessoas da turma de Heidegger já estão de saco cheio e, sobretudo, que uma espécie de vácuo impera, no qual o estranho *Minima moralia* pôde se instalar como se fosse alguém de casa. Em todo caso, com isso me tornei conhecido em toda cidade, o que implica em ter conversas com Goethe, assim como ficar longe de todo tipo de empurrões da multidão<sup>9</sup>.

Quanto à sua crítica: o que você diz sobre o conceito de “opinião”, me preocupou bastante, já que há mais de catorze anos, quando Bloch me enviou “Erbschaft dieser Zeit” [Legado desse tempo], invoco exatamente as mesmas categorias para o conceito, que na época realmente representava a demanda com relação a ele<sup>10</sup>, de que a tarefa da Filosofia era “acabar com a opinião”. Não cabe a mim decidir até onde eu mesmo segui esse postulado, porém gostaria de pelo menos alegar a favor disso que nos lugares em que se trata meramente de opiniões, tanto essa como aquela se assumiram e, com isso, em certo sentido foram desculpadas, enquanto aquela com pretensão de fato objetiva precisou de algum modo ser justificada a ele com meditações esporádicas, e estabelecer uma espécie de “norma”, um pouco como a *Teoria do romance* há trinta anos<sup>11</sup>. Isso terá dado certo?

O fato da parte sobre a cultura de massa não chegar a oferecer uma teoria completa da coisa é algo que admito com prazer a você; esse não foi de modo algum o intuito. Não se esqueça de que a teoria da cultura de massa desenvolvida conjuntamente por Max e eu na “Dialética do esclarecimento” traz em si o mesmo caráter fragmentário; espero que por fim tenhamos conseguido concluir essa tarefa. Eu admitiria para você também que as minhas observações sobre isso carregam uma poeira do não-dialético; apenas por livre e espontânea vontade, quando a dialética equivaler aqui à mais suave indulgência com o objeto, eu me tornaria teimoso. E no aspecto da linguagem já o sou — se eu tenho algo contra a coisa lingüística, seria por ela ainda não acatar de modo direto o suficiente meu próprio ideal de linguagem, e não por causa princípio.

Envio o caderno da *Neue Rundschau* com o ensaio sobre Benjamin à parte e também um pequeno trabalho sobre Kierkegaard<sup>12</sup> que talvez lhe interesse. No próximo número da *Neue Rundschau* sairá um trabalho grande e de muito peso que se concentra em Huxley, mas na realidade trata-se principalmente do problema da utopia (“O sonho desencantado”<sup>13</sup>); na edição comemorativa um dossiê “Crítica de cultura e sociedade” para Leopold von Wiese<sup>14</sup>, que ilustrou algo como uma auto-reflexão sobre o crítico de cultura. Ambos vêm ainda da famosa gaveta do exílio; ainda não encontrei tempo aqui, desde o texto sobre Benjamin, para escrever algo próprio, com exceção de uma coisa pequena sobre Bach<sup>15</sup>; o trabalho no Instituto em conjunto com a atividade na Universidade (que demanda muito tempo e responsabilidade, sobretudo durante os agora muito extensos trabalhos de doutorado) torna isso completamente impossível. Mas depois do período de produção bastante turbulento no ano passado em Los Angeles, estou menos aborrecido com este intervalo do que com a recente experiência européia.

[10] Isso ocorreu em uma carta não disponível, à qual Ernst Bloch responde, provavelmente na primeira metade de dezembro de 1934: “Ademais, aí está a doutrina da ‘opinião’ e agregada a ela a culpa pela facilidade não-dialética [...]. Temo porém, que sua estranha ‘teoria da opinião’ [...] é uma teoria pessoal e concerne menos ao método filosófico que ao psicológico. Para que serve o ‘dogma, já que sempre geraria o contrário à opinião antecipada?’” (ver Bloch, *Briefe* 2, p. 426).

[11] Lukács, Georg. *Die Theorie des Romans*. Berlin: Paul Cassirer, 1920.

[12] O primeiro suplemento, “Kierkegaards Lehre von der Liebe”, in *Zeitschrift für Religion- und Geistesgeschichte*, 1951, Caderno 1; na coleção de Kracauer encontra-se uma cópia da versão inglesa, “On Kierkegaard’s Doctrine of Love, Reprint from Studies in Philosophy and Social Science”, ISR Nova York, 1940 (*Zeitschrift für Sozialforschung*, 1939/1940, Caderno 3; ver Adorno, *GS* 2, pp. 217-36, 265).

[13] Sob o mesmo nome dado na carta, in *Die Neue Rundschau*, 1952, Caderno 2, pp. 74-96, a saber, “Aldous Huxley und die Utopie” (ver Adorno, *GS* 10-1, pp. 97-122).

[14] No 75º aniversário do sociólogo (1876-1969) apareceu o “Soziologische Forschung in unserer Zeit”, organizado por Karl Gustav Specht. Colônia/Opladen: Westdeutscher, 1951. “Kulturkritik und Gesellschaft” (ver Adorno, *GS* 10-1, pp. 11-30) tornou-se em 1955 o subtítulo de “Prismen”. Uma cópia no espólio de Kracauer traz um comentário à mão de um estranho: “Indicado pelo professor Adorno” (Deutsches Literaturarchiv Marbach).

[15] “Bach gegen seine Liebhaber verteidigt”, in *Mercur*, 1951, Caderno 6, junho (ver Adorno, *GS* 10-1, pp. 138-51).

Escreva um pouco mais sobre as suas coisas. Como vai o livro sobre filmes? Haverá também uma versão alemã? Eu não consigo abandonar a superstição de que nós só podemos falar das coisas cruciais na nossa própria língua, e imagino estar de algum modo certo quanto a essa opinião, já que posso interpretá-la como algo tão difícil quanto a teoria das uvas azedas. Max acabou não sendo operado; sua pedra no rim libertou-se com complacência e já está tudo em ordem com ele de novo, fora seu sobretrabalho desmedido, sobretudo por causa do decanato durante os dois últimos semestres.

[16] Adorno escreve "Lily".

Mande logo notícias e receba com Lili<sup>16</sup> as melhores lembranças, também em nome de Gretel.

Seu velho  
Teddie